

Aureliano quer antecipar direta

Brasília — Luiz Antônio

BRASÍLIA — O ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, defendeu a antecipação das eleições diretas para a escolha do sucessor do presidente Sarney: "Devemos fazer um esforço concentrado para abreviar a votação de todo o texto constitucional e abreviar também a decisão sobre as eleições". Segundo ele, "depois de promulgada a Constituição, as eleições devem ser antecipadas".

Aureliano fez um discurso de meia hora durante a reunião do diretório nacional do PFL. Falou de improviso e frisou cinco vezes que havia necessidade de uma transição mais curta. Exortou os companheiros de partido a lutar para abreviar o período de transição: "Temos o compromisso de lutar para encurtar o espaço dessa transição. Esta não pode ser a mais longa transição da história do país", afirmou.

Em nenhum momento Aureliano, a principal liderança do PFL, falou em data para as eleições presidenciais: "Vamos escalar objetivos. O ponto alto é a votação da Constituição e depois a luta para não prolongar a transição", disse. Ele também defendeu com ênfase a soberania dos constituintes na definição da data para a escolha do sucessor de Sarney.

Diretas Já? — Aureliano acha que a única pressão legítima sobre os constituintes é a do povo, e também que o esforço para reduzir a transição deve ser feito com a ajuda do presidente Sarney. "Devemos contar com o presidente Sarney para melhor abreviar o processo de transição", declarou. Após seu discurso, aos jornalistas que queriam saber sua posição a respeito das eleições em 88, Aureliano repetiu: "A decisão é dos constituintes".

Além de não dar opinião sobre a data para a escolha do sucessor de Sarney, o ministro também não disse, em qualquer momento, que o mandato do atual presidente deva ser de cinco anos, conforme o próprio Sarney já fixou, em pronunciamento através de uma cadeia nacional de rádio e televisão. Negou-se três vezes a comentar essa questão, lembrando a autonomia dos constituintes para assumir a votação e a decisão final a respeito do assunto.

A reunião do diretório nacional do PFL foi dominada do princípio ao fim por Aureliano Chaves. Todos os caciques do partido estavam lá, sentados numa mesma mesa. Aureliano ocupou o centro. À sua esquerda sentou-se o presidente do PFL, senador Marco Maciel, e à direita o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães. Também na mesa estavam os ministros do Interior, João Alves, e o das Relações Exteriores, Abreu Sodré, além dos líderes na Câmara, José Lourenço, e no Senado, Carlos Chiarelli. Já no final chegou o senador Afonso Arinos, notável do PFL.

Aureliano — único integrante da cúpula do PFL a falar — começou explicando aos colegas que o momento político exige compromissos do PFL com suas raízes, isto é, todos deverão continuar formando na base de apoio a Sarney. Em seguida, disse que o outro compromisso do partido é com a redução da transição e lembrou períodos históricos do país: "Vamos dar nossa contribuição para acelerar essa transição", conclamou.

Presidencialismo — O ministro gastou cinco minutos repetindo que a Constituinte deve ser livre para tomar posições, sem quaisquer pressões: "Só o povo pode exercer pressão sobre a Constituinte, porque cada um deve votar livremente, serenamente, de acordo com suas convicções." Não deixou, porém, de se declarar presidencialista: "Sou presidencialista mas cabe aos constituintes discernir sobre a melhor forma de governo."



Aureliano, entre Antônio Carlos (E) e Maciel, dominou a reunião do Diretório do PFL

Maciel acha que mandato ficará em quatro anos

A defesa da antecipação das eleições para a Presidência da República feita por Aureliano Chaves provocou duas reações no comando do PFL. O senador Marco Maciel, presidente do partido, e seu grupo acham que agora o mandato de Sarney vai ficar em quatro anos. "O Aureliano confirmou que, ao defender uma transição curta, quis mesmo falar em diretas no ano que vem. Ao menos isto se salvou desta reunião", afirmou o secretário-geral do PFL, Saulo Queiroz.

O ministro Antônio Carlos Magalhães, intransigente defensor dos cinco anos de mandato para o presidente, acha que Aureliano não defendeu diretas no ano que vem: "Isto não é do sistema de Aureliano, ele é um político sério e não um demagogo como os que defendem eleições no ano que vem", afirmou, acrescentando: "Ele é melhor do que os outros". Diante da insistência dos repórteres, Antônio Carlos disse que Aureliano só fez o pronunciamento para defender a antecipação de eleições em 1990, como está na Constituição, para 1989, como deseja Sarney.

Habitado aos bastidores da política, o ex-governador Francelino Pereira explicou que nunca se falou em antecipação das diretas nas conversas com Sarney: "Nunca se conversou isto afe porque o Congresso é que vai votar". Mas o também ex-governador Roberto Magalhães, de Pernambuco, enfatizou: "Eu já estou nas diretas no ano que vem. Tenho um plástico no meu carro pregando isto", contou, declarando-se "homem de oposição". Segundo Magalhães, no seu estado todo o PFL defende as diretas-já.

PFL não abandona Sarney

O Diretório Nacional do PFL, acompanhando as bancadas do partido na Câmara e no Senado, além das comissões executivas regionais e seus líderes em Assembléias Legislativas, decidiu por aclamação permanecer apoiando o governo do presidente José Sarney. O Diretório também resolveu adiar para depois da promulgação da nova Constituição a reunião de sua convenção nacional, que estava marcada para 7 e 8 de novembro.

Com o adiamento da convenção, está afastada a discussão no PFL sobre o rompimento com Sarney. Isso significa uma vitória dos ministros Aureliano Chaves e Antônio Carlos Magalhães, que se empenharam desde o início, para conter a crise no partido, aberta pelo seu presidente, senador Marco Maciel. Ele defendia o afastamento do PFL do governo, mas sua posição não será sequer discutida em convenção, porque esta não se realizará agora. Maciel acatou a decisão da maioria.

— Foi uma vitória da unidade do PFL, e estamos sob o comando seguro de Marco Maciel — afirmou Antônio Carlos Magalhães, no fim do encontro.

Unidade — Além de Maciel, seis outros representantes estaduais do partido, favoráveis ao rompimento com o governo, acataram a decisão da maioria, embora protestando pelo microfone. "Nós aceitamos este resultado, mas entendemos que ele não é o melhor cami-

nho para o partido", afirmou Vilmar Rocha (GO). Joel de Hollanda (PE) também criticou a decisão do Diretório: "Democraticamente acato a decisão da maioria, mas, apenas a convenção é que deveria se manifestar".

O deputado Cláudio Ávila, em nome do PFL de Santa Catarina, foi outro a apontar a convenção como instância legítima para deliberar sobre os rumos do partido. Mas acabou aceitando o resultado: "Apenas o desejo da unidade nos leva a acatar a decisão". Seu discurso foi adotado, em seguida, pelo representante do Rio Grande do Norte, o ex-deputado João Faustino. Também os presidentes de executivas do Rio Grande do Sul (Leônidas Ribas) e do Paraná (Alceni Guerra) acataram o resultado.

Apesar das ressalvas, a decisão foi tomada por aclamação, atendendo sugestão do representante do Rio, Francisco Studart. "Estamos assumindo uma decisão em favor da unidade partidária, e vamos todos apoiá-la", disse Studart, apressando a decisão do PFL, que deixou de apurar os 121 votos.

Isso foi considerado desnecessário pelas principais lideranças do partido porque, em pesquisa secreta, as bancadas na Câmara e no Senado já haviam se manifestado pelo apoio ao governo em ampla maioria. Dos 117 deputados federais, 87 ficaram com Sarney, e apenas 13 contra. No Senado, o placar indicou 10 pró e apenas quatro contra.